



Cinema & Território
Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 10 | 2025
VARIA

Sob o olhar de Luís Paulo de Jesus

Luís Paulo DE JESUS

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>
DOI: 10.34640/ct10uma2025dejesus
ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

De Jesus, L. P. (2025). Sob o olhar de Luís Paulo de Jesus. *Cinema & Território*, (10), 147-150. <http://doi.org/10.34640/ct10uma2025dejesus>

18 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Sob o olhar de Luís Paulo de Jesus¹

Realizou-se, nos dias 13 e 14 de novembro de 2025, na Universidade da Madeira (Colégio dos Jesuítas), o VIII Encontro Internacional Cinema & Território, dedicado ao tema *Territórios de Bergman* e centrado na reflexão sobre a obra de Ingmar Bergman.

No dia 13 de novembro, o encontro iniciou-se com o registo presencial, que decorreu entre as 10:00 e as 11:30. Pelas 11:30, teve lugar a Sessão de Boas-vindas, apresentada por Teresa Norton Dias, e contou com a presença de Sílvio Moreira Fernandes, Reitor da Universidade da Madeira; Carlos Valente, professor da instituição e Bruno Alexandre, professor e coordenador do Departamento de Arte e Design da UMa.

As entidades foram apresentadas e, pelas 12:00, o professor Carlos Valente deu início à conferência, apresentando e passando a palavra à Dra. Nuria Pérez, oradora convidada. Na sua intervenção, Nuria Pérez fez referência a vários filmes de Ingmar Bergman, como *The Seventh Seal* (1956), destacando que a conhecida cena da Morte fora inspirada no fresco medieval *Döden spelar schack* (“A Morte jogando xadrez”). Referiu também a ilha de Fårö, local onde Bergman realizou grande parte das suas obras. A investigadora abordou ainda, a utilização da cor e da decadência nos filmes do realizador, mencionando obras como *The Marriage* (1974) com a cena da cama, *Infiel* (2000) e *Saraband* (2003).

Tal como em todas as intervenções do Encontro, a sessão terminou com um momento de debate. Entre as questões colocadas destacou-se a de Luís Miguel Jardim, realizador de cinema, que questionou sobre os contrastes de luz e a utilização do primeiro plano, nas cenas de Bergman. Nuria Pérez explicou que, na sua opinião, no caso dos contrastes, tratava-se de uma escolha ligada à teatralidade, enquanto, que a utilização do primeiro plano visava captar as micro expressões faciais dos atores. O moderador desta intervenção de Nuria Pérez, Carlos Valente, encerrou a sessão fazendo uma comparação entre o estilo de Bergman e o de Fellini. Para Teresa Norton Dias “Nuria, fez uma viagem fantástica sobre Bergman, deixando sobretudo a mensagem do tempo que nós precisamos para apreciar Bergman”.

Pelas 14h30, iniciou-se a segunda parte da conferência, com a apresentação de Tomé Quadros, moderado pela professora Sabela Zamudio. Na sua intervenção, Tomé Quadros explorou temas como o território da memória, as imagens entre tempos, e a relação entre o eu e o outro. Referiu o trabalho do realizador chinês Chen Kaige e abordou a importância da literacia da memória, destacando o filme *Black Dog*. Explicou ainda, que escolheu o cinema chinês como objeto de estudo por ter vivido em Macau e pela atenção que este cinema dedica a questões de carácter social.

Pelas 15:00, teve lugar a apresentação de Carlos Valente, novamente com moderação de Sabela Zamudio. O tema desta apresentação foi: *Parodiar o cinema de Bergman: do humor à reflexão*. Na sua análise, trouxe exemplos de filmes emblemáticos de Bergman, como *O Sétimo Selo* (1957), *Morangos Silvestres* (1957), *A Hora do Lobo* (1968) e *Persona* (1966). Carlos Valente destacou características marcantes do cinema de Bergman, como a profundidade existencial, a austeridade formal e a intensidade dramática. Para enquadrar teoricamente o conceito de paródia, referiu a obra de Linda Hutcheon, *Uma Teoria da Paródia* (1989). Ao abordar sobre a paródia do estilo bergmaniano, Carlos Valente apresentou diversos vídeos e referências que dialogam ou brincam com o estilo do realizador. Entre eles, destacou um excerto do videoclipe dos ABBA *Knowing me, Knowing you*; os desenhos animados *The Simpsons*; e o sketch

¹ Estudante do 3º ano da Licenciatura em Artes Visuais – Universidade da Madeira.

humorístico *Smith and Jones*. Neste último estabeleceu uma ligação com *Persona* (1966) de Bergman.

Pelas 16h30, decorreu a apresentação de Eva Ângelo, realizadora portuguesa, com moderação de Teresa Norton Dias. Eva Ângelo veio sobretudo apresentar o seu documentário *MORADA*, realizado na cidade do Porto. Iniciou a sua intervenção falando sobre as salas de cinema do Porto e arredores, abordando o seu encerramento ao longo dos anos. Para contextualizar, apresentou vários mapas da cidade, identificando os locais onde estes teatros existiram. O documentário resulta de um estudo baseado no encontro e reflexão com habitantes da cidade do Porto. Segundo a autora, “trata-se de um périplo na cidade entre 2014 e 2022, numa etnografia retrospectiva movida por conversas a partir de um espaço”. A autora qualificou o documentário como uma obra de carácter transnacional. Após a apresentação, seguiu-se a exibição do documentário e, posteriormente, um debate. Durante a discussão, António Rebelo mencionou que as placas com os nomes das ruas que aparecem no filme foram pintadas por Armando Alves. Falaram-se também dos planos utilizados e de questões relacionadas com a memória coletiva.

Com este debate, deu-se o encerramento do primeiro dia do Encontro.

No dia 14, pelas 10:00, iniciou-se a apresentação de Margarida Menezes, moderada por Carlos Valente. Na sua intervenção, Margarida Menezes apresentou um vídeo-performance *MANA* de sua autoria, que utilizou como base para a sua reflexão. Descreveu a obra como tendo um carácter neorrealista, construída a partir de um espaço concreto e pensada para esse mesmo espaço, o que lhe confere a natureza de uma criação *site-specific*. A autora destacou que o vídeo aborda o processo de luto resultante de uma relação amorosa, explorando as dimensões emocionais e simbólicas desse tema através da imagem, do lugar e da memória.

Pelas 10:30, teve lugar a apresentação do vídeo *É tudo o que apetece*, desenvolvido por António Baía Reis no contexto de um workshop realizado a 11 de novembro, com a colaboração de Luísa Oliveira, Luís Jesus e Valentina Costa. O vídeo foi composto, em sequência, por quatro partes, cada uma realizada por um dos participantes. Após a apresentação da equipa criadora, procedeu-se à visualização do vídeo, seguindo-se um debate final. O trabalho abordou sobretudo a temática do turismo na Madeira, estabelecendo um percurso reflexivo entre os anos 1960 e a atualidade, analisando transformações, continuidades e percepções sobre a identidade turística e identidade local.

Pelas 11:45, a apresentação de Grécia Paola Matos com moderação de Dora Pereira. Tendo como tema *Corpo arqueométrico e Necropoder: especializações da doença crónica no cinema de Bergman*.

Às 12h15, Maria Eduarda dos Santos iniciou a sua apresentação *online*, através da plataforma TEAMS, dedicada ao tema *Ensaio psicanalítico do filme Sonata de Outono* (1979). A autora centrou-se na temática do espelho utilizada por Bergman no filme, destacando como o lugar onde nos reconhecemos e, simultaneamente, nos diferenciamos do outro. A partir desta metáfora, desenvolveu uma leitura psicanalítica que abordou conceitos como a depressão, a ausência, a privação e (des)privação, presentes na relação entre as personagens e na construção emocional da narrativa.

Pelas 14:30, realizou-se, também através da plataforma *online* TEAMS, a apresentação de Romy Castro, com moderação de Martina Emonts. Na sua apresentação, Romy Castro retomou o ciclo cromático, tema já abordado no dia anterior por Nuria Pérez, destacando a importância da cor na construção estética e simbólica do cinema de Bergman. Sublinhou, que o realizador estudou a pintura do século XVII, pois essa influência reflete-se na composição visual e na iluminação dos seus filmes. A autora acrescentou ainda, que quando Bergman utiliza o primeiro plano para mostrar o rosto dos atores, o seu objetivo

é revelar a essência da pessoa e não a sua aparência, valorizando as expressões subtils das personagens.

Às 15:00, realizou-se a apresentação de um exercício de performance baseado na obra *A Meio da Noite*, de Olga Roriz, executado por Teresa Norton Dias. No início do exercício, Teresa Norton começou por construir a cena, colocando os seus adereços, seguindo-se uma sequência de movimentos corporais realizados com grande graciosidade, acompanhados pela música de Chopin, compositor do seu interesse e comum às escolhas de Roriz e Bergman, tema já muito abordado durante o Encontro. Posteriormente, foi apresentado um excerto da peça de Olga Roriz, ao qual Teresa Norton adicionou uma explicação contextual, destacando alguns detalhes do vídeo da obra. Entre eles, referiu que se as vozes pronunciam datas, que provavelmente fazem referência a momentos da criação desta peça, que estreou no Centro Cultural de Vila Flor em 14 de julho de 2018.

As 16:00, realizou-se a última apresentação do encontro, a conferência de encerramento proferida por António Rebelo, sob moderação de Carlos Valente, sob o título: *Entre o silêncio e a manipulação: Bergman e a censura em Portugal, anos 60*. António Rebelo começou por referir diversos decretos-lei e documentos do início do Estado Novo, nomeadamente o Art. 133, a Lei 4161 e a Ata 133, de 26 de fevereiro de 1960, assinada por Américo Cortês Pinto, explicando o funcionamento da exibição de filmes em Portugal nessa época, incluindo licenças de exibição e o papel da Inspeção Geral dos Espetáculos. Seguiu-se uma análise de vários filmes de Bergman, que sofreram as manipulações pela censura em Portugal. Entre eles, *Morangos Silvestres* estreado em 1960 em Lisboa, sendo em Portugal classificado como filme para maiores de 17 anos, enquanto o seu trailer era destinado a maiores de 12 anos, uma incoerência evidente. Outros exemplos apresentados foram *A Fonte da Virgem* (1959), classificado como “espetáculo para adultos”, *O Sétimo Selo* (1957) e *Monika e o Desejo* (1953). Estes filmes foram exibidos de forma censurada até ao 25 de abril de 1974, altura em que voltaram a ser apresentados já no seu formato original. Para concluir, António Rebelo lançou um questionamento: “Que relações podemos traçar entre o Estado Novo e hoje?”, referindo-se às redes sociais como um possível reflexo do declínio da democracia e do empobrecimento da linguagem.

Às 18:10, teve lugar a Sessão de Encerramento, com agradecimentos dirigidos aos participantes e a toda a equipa, contando com a presença de Teresa Norton Dias, Carlos Valente e Pedro Pão, este último coordenador do projeto *Screenings Funchal*. Durante a sessão, Pedro Pão apresentou o projeto e deixou uma reflexão sobre o cinema na região, em relação ao expetador concluindo com um convite para a exibição do filme *A Vergonha* na Sala 3 dos Cinemas NOS no Fórum Madeira - no programa estavam já previstas a exibição de *A Vergonha* (1968) e *Em Busca da Verdade* (1961) de Ingmar Bergman.

Exibição dos filmes² (14 e 15 de novembro)

Após participar no encontro de cinema, assisti aos filmes tendo em conta as ideias discutidas ao longo das sessões. *A Vergonha* (1968) revelou-se particularmente intenso e carregado de emoção, talvez mais do que eu esperava, sobretudo porque, como foi referido no Encontro, os filmes de Bergman são obras que exigem tempo para serem observadas e interiorizadas. Durante a projeção, reparei especialmente nos rostos em primeiro plano, um elemento destacado por Romy Castro, que os interpretou como sendo

² Reflexão pessoal.

reflexos da essência das personagens. De facto, esses enquadramentos tornam a experiência profundamente íntima o que, de certa forma, me levou a sentir o que via.

No segundo filme, *Em Busca da Verdade* (1961), percebi uma maior calma na construção das cenas. Há mais pausas, mais espaço para observar os ambientes, sobretudo os interiores. Muitas vezes, os atores saem de cena, deixando apenas o cenário visível, o que nos obriga a olhar com atenção e a refletir sobre o que é mostrado. Sendo este um drama que aborda a doença psicológica, a cena em que a personagem Karin se assusta ao ver uma aranha no local onde, segundo ela, Deus deveria entrar pela porta, fez-me recordar a explicação de António Rebelo durante o Encontro sobre a comparação de Deus a uma aranha. Essa associação enriqueceu a minha percepção do filme, permitindo-me compreender melhor o seu simbolismo.